

## REFLEXOS OU REFLEXÕES? REFLEXES OR REFLECTIONS?

Andrei Venturini Martins<sup>1</sup>

Doutorando em Filosofia na PUC-SP  
dreivm@ig.com.br

**Resumo:** Neste artigo pretendo responder duas questões: a primeira, o que é Ser Filósofo? A segunda, Ensinar Filosofia ou Ensinar a Filosofar? Farei o discernimento do que é Ser Filósofo e do que é ser Professor de Filosofia. Todavia, tentarei mostrar que não são conceitos excludentes e podem relacionar-se simetricamente. É nesse sentido que defenderei a tese do Professor-Filósofo como um ideal do saber filosófico.

**Palavras-chave:** Ser Filósofo, Professor de Filosofia e Professor-Filósofo.

**Abstract:** In this article I intend to answer the two following questions: Firstly, what it is to be a Philosopher? Secondly, is it to be taught Philosophy or is it to be taught how to think philosophically? I will discern between what it is to be a Philosopher and what is it to be a Professor of Philosophy, however, trying to show that these are not exculpatory concepts, but that they can be related symmetrically. It is in this direction that I will defend the thesis of the Philosopher-Professor as an ideal of philosophical knowledge.

**Keywords:** Being Philosopher, Professor of Philosophy, Philosopher-Professor.

---

<sup>1</sup> Professor de Filosofia do Instituto *Mater Ecclesiae* do Brasil – Itaipericica da Serra (SP).

**D**esejo, como ponto de partida, mostrar ao leitor o fio condutor deste artigo: uma avaliação crítica do ensino de filosofia. Não se trata de elaborar uma narração do modo como a filosofia ascendeu como disciplina nas escolas e universidades de todo país, mas de levantar adequadamente as questões necessárias para entender o papel da filosofia nas instituições anteriormente aquilatadas e, conseqüentemente, tentar respondê-las. Todavia, é importante destacar que tal empreitada terá um tom de desafio às dificuldades do contexto do século XXI e, ao mesmo tempo, uma tomada de posição. Dessa maneira, permita-me conceder duas palavras sobre o título.

A inspiração deste título vem da literatura brasileira. Mario Quintana, o poeta de Alegrete (Rio Grande do Sul), em sua obra denominada *Caderno H*, escreve um verso intitulado *Na Solidão da Noite: Os velhos espelhos adoram ficar no escuro das salas desertas. Porque todo seu problema, que até parece humano, é apenas o seguinte: – reflexos ou reflexões?* (QUINTANA, 2006, p. 246).

A literatura funciona como uma faísca para um grande incêndio! Nessa passagem, o poeta brasileiro impeliu-me a muitas questões que, a meu ver, são fundamentais para o docente e o discente em filosofia. Ora, o que é ser filósofo? Ensinar Filosofia ou Ensinar a Filosofar, eis a questão. Quem ensina Filosofia, não ensina a Filosofar? O problema encontra-se em duas vertentes, a saber: a primeira, o que é ensinar filosofia? A segunda, o que é ensinar a filosofar? Na tentativa de responder a essas perguntas, conduzirei minha exposição que, conseqüentemente, desaguará em outras duas questões: Há diferença entre o professor de filosofia e o filósofo? Quem ensina Filosofia ou a Filosofar é o professor de filosofia ou é filósofo?

## 1 – O que é ser filósofo?

Tal questão me faz lembrar de uma belíssima passagem de uma obra de Santo Agostinho, denominada *Confissões*: o filósofo faz uma reflexão sobre o tempo.

Que é, pois, o tempo? Quem poderia explicá-lo clara e brevemente? Quem o poderá apreender, mesmo que só com o pensamento, para depois nos traduzir por palavras o seu conceito? E que assunto mais familiar e mais batido nas nossas conversas do que o tempo? Quando dele falamos, compreendemos o que dizemos. Compreendemos também o que nos dizem quando dele nos

falam. O que é, por conseguinte, o tempo? Se ninguém mo perguntar, eu sei; se o quiser explicar a quem me fizer a pergunta, já não o sei (SANTO AGOSTINHO, 1984, pp. 219 – 220).

O bispo de Hipona expõe claramente questões sobre o tempo e, da mesma maneira, utilizo desse referencial para colocar a pergunta: o que é ser filósofo? Quem poderia explicar clara e brevemente? Quem poderá apreender pelo pensamento e depois traduzir tal pensamento em conceitos? O *ser filósofo* parece ser um tema batido, assim como assinala Santo Agostinho em relação ao tempo e, da mesma maneira, sabemos o que é ser filósofo, mas não peça para explicar o que ele é, pois não sei. Mas, mesmo diante das dificuldades, aprofundarei o assunto um pouco mais.

Analisando a questão *o que é Ser Filósofo*, percebo que o “que” diz respeito à *quididade*, ou melhor, à essência do que é *Ser Filósofo*. Essência é justamente aquilo que faz com que algo seja aquilo que é. Dessa maneira, tentarei verificar se é possível um conhecimento dessa monta.

O conhecimento da essência do que é *Ser Filósofo* deverá cumprir um requisito chave da filosofia: o conhecimento da totalidade ou absoluto, ou seja, válido em todos os tempos e em todos os contextos. Todavia, antes de saber a natureza do que é *Ser filósofo*, o sujeito é Homem. Logo, teríamos que saber o que é a natureza humana para, depois, conhecermos o que é específico do filósofo.

A natureza de *Ser Filósofo* é uma essência submetida à essência humana. Todavia, há homens que são filósofos e há outros que não o são. Os que não o são podem ser carpinteiros, motoristas, geógrafos, gramáticos etc., mas todos são submetidos à essência homem. Portanto, pergunto: O que é o homem?

É comum dizer que o homem é um animal racional. Essa explicação me traz duas indagações: qual é a essência do animal e qual é a essência do racional. Vejamos: animal é a condição de um ser vivo. O homem, de maneira especial, pode ser classificado como pertencente à classe dos animais vertebrados. Logo, tudo aquilo que está vivo é um animal ou planta. Dessa maneira, outra questão apresenta-se: O que é um ser vivo? É todo e qualquer animal ou plantas que possuem o Ser. Mas o que é o Ser?

Essa é a pergunta capital, pois fora do Ser não existe nada. O nada não pode ser indicado, logo, não pode ser compreendido, pois tudo que permeia a razão, mesmo enquanto objeto inteligível, possui o Ser. Todo pensamento, antes de qualquer coisa, apresenta-se como Ser. Assim, posso dizer que a razão relaciona-se com o Ser e, por esse motivo, ela só pode captar aquilo que também possui o Ser. É necessária uma correspondência entre o objeto pensado e a razão.

Assim, digo que a razão possui o Ser em potência na medida em que pode apreender outros objetos; entretanto, a razão possui o Ser em ato na medida em que ela é uma potência. O Ser, compreendido como existência em ato é a chave para respondermos todas as questões até aqui sublinhadas. Mas o problema continua: o que é a existência? Aqui, volto a Santo Agostinho e digo: eu sei o que é, mas, quando me perguntam, não sei explicá-la.

O Ser tem uma ligação tão tênue com a linguagem e o pensamento que, ao refletir sobre ele e tentar expô-lo em uma linguagem, tenho que usar do Ser para explicar o Ser. Dessa maneira caio em um raciocínio tautológico. A metáfora para tal reflexão é a cobra comendo o próprio rabo. Portanto, o Ser, mesmo desconhecendo sua totalidade, é o nível de especulação mais alto que o homem pode obter.

Mesmo concebendo o Ser tacitamente, eu me atreveria a dizer que um ser vivo é algo que participa do Ser, mas não o esgota, pois uma pedra também o possui e, no entanto, não é um ser vivo. O Ser, dessa maneira, manifesta-se de inúmeras formas, como afirma Aristóteles em sua obra denominada *Metafísica* (Cf. ARISTÓTELES, 2002, A7, 1017ab 6-35), mas mantém a sua unidade, pois, se fosse composto por diferentes partes, uma parte seria dependente da outra para formar o Ser.

Ora, se as partes não são Ser, como poderá um conjunto de Não-Ser formar o Ser? Diante disso, o conceito *Ser* funciona da seguinte forma: primeira, a predicativa, ou seja, o Ser faz a ligação entre o sujeito e o objeto; segunda, a identitativa, por exemplo, o *bem é bom*; terceira, a existencial, por exemplo, *o homem existe* e, por último, a veritativa, que afeta somente o discurso (Cf. SANTOS, 2002, p. 71). Logo, posso falar do Ser por analogia, todavia, o que me interessa aqui é rever o procedimento do raciocínio para responder à pergunta inicial.

O leitor pôde constatar que entrei em um labirinto de questões acompanhadas de uma enxurrada de conceitos. Ao tentar responder a uma questão, outras mais apresentam-se à razão, de modo que a própria razão, em um determinado momento, seria obrigada e definir-se a si mesma: como um ladrão que comete um ato nefasto e, ao chegar ao tribunal, ele percebe que será juiz e réu concomitantemente.

O raciocínio foi desenvolvendo-se de tal forma que podemos perceber o que é *Ser Filósofo*. É esse procedimento em busca da totalidade pela via da razão que caracterizaria o *Ser Filósofo*. Nesse caso, o filósofo é um homem que usa da razão na busca da Sabedoria, lugar onde a Verdade manifesta-se. Para esclarecer melhor a pergunta inicial, descreverei um homem que penso ser paradigma do Ser Filósofo: Sócrates. O que havia nesse homem de *caráter tão severo e espírito inovador?* (Cf. HADOT, 2004, pp. 69-85)

Ora, de seu caráter severo, Sócrates revela-se comprometido com a vida, esta, porém, ligada ao discurso que ele brilhantemente emitia nas redondezas de Atenas. O discurso socrático é uma manifestação evidente do que ele vivia, ou seja, a busca da *sophia* [sabedoria], sendo esta um *saber-fazer* e um *saber-viver*.

Na severidade desse filósofo grego, quero detectar que a busca da sabedoria é, sem sombra de dúvida, a vocação do filósofo. O filósofo é aquele que busca a sabedoria, todavia, não a possui, pois, no dizer de Sócrates e outros Filósofos como Pitágoras, só os deuses a possuem. Ora, se só os deuses possuem a sabedoria, Sócrates, consciente disso, profere a sua grande máxima que pode ser resumida desta forma: *Sei que nada sei* (PLATÃO, 1977, 21d-21e).

O filósofo grego expõe sua condição de pensador, ou seja, conhecer sua própria Ignorância. Aqui observo dois conceitos que se contradizem: *Sabedoria e Ignorância*. Diante disso, onde estaria o filósofo? Para responder a essa pergunta, terei de analisar brevemente o conceito de Ignorância, já que a Sabedoria, como foi dito, só os deuses a possuem.

Uma coisa é o ignorante, que acha que conhece o que *diz* conhecer, mostrando toda sua prepotência e arrogância. Outra coisa é o conhecedor de sua própria miséria intelectual, todavia, é um conhecimento que persuade o indivíduo a buscar continuamente a sabedoria.

Dessa maneira, percebo que há Ignorância entre a Sabedoria plena e a Ignorância plena. Essa Ignorância mediana é justamente a resposta à questão “O que é ser filósofo?”. O filósofo não é um ignorante pleno, pois na sua arrogância, fica estagnado, parado e iludido pelos passos que deu ao tentar conhecer tudo. Acreditou conhecer tudo, agora, não escuta mais ninguém, só ele fala, possui todas as respostas e vê-se no direito de patentear a filosofia: esta é minha filosofia. Já o filósofo, aquele que possui uma postura socrática, ou seja, uma Ignorância mediana, intermediária, está sempre disposto a escutar, exortar, arriscar e dialogar. Seu discurso funciona como um mediador entre a Ignorância plena e a Sabedoria.

O contato com o filósofo impulsiona, move, motiva o próprio filósofo e os que se relacionam com ele a buscar a Sabedoria. Assim, constato que o *Ser Filósofo* é a mediação entre a Sabedoria e a Ignorância, sempre tendendo à Sabedoria. É a marcha constante de Sócrates na busca de um saber-viver que faz deste um asceta sempre pronto a analisar a si mesmo e, por conseguinte, os outros. Sócrates sentia-se incomodado, muitas vezes, por aquilo que o impelia ao debate e à discussão. Havia um *daimon*, uma espécie de subdivindade presente entre os homens e os deuses, que o fazia perguntar, inquirir, raciocinar, justificar, relacionar e dilacerar os oásis de certezas dos homens que se depa-  
ravam com esse mestre.

Foi o espírito inovador que impeliu Sócrates a morrer heroicamente com uma dose de cicuta, já que não abdicava de maneira nenhuma da razão maior de sua vida: *ser Filósofo*. Sócrates buscou conhecer uma forma de viver bem, mas não dos bens; fazer da sua história um exemplo para muitos, e não seguir o mau exemplo de muitos para produzir sua própria história; discernir quando o filósofo fala e não falar o que falam os outros sem um exame responsável.

Essas são características da solidão filosófica que um asceta, como Sócrates, necessitou para bravamente tomar a cicuta que os administradores de Atenas lhes outorgaram. Todavia, para o filósofo é melhor perder a vida do que a razão, pois seria uma vida sem razão. Resumindo e finalizando os desdobramentos da questão “O que é *Ser Filósofo*?”, podemos dizer que:

- a. Ser filósofo é conhecer a sua própria ignorância.

- b. Ser filósofo é fazer o papel do mediador entre a Sabedoria e a Ignorância plena.
- c. Se a sabedoria é um saber-viver, o filósofo busca esse saber-viver por toda vida.

## 2 – Ensinar Filosofia ou Ensinar a Filosofar?

Depois de elencar os três aspectos do que é *Ser Filósofo*, gostaria de descrever quatro raciocínios decorrentes da figura de Sócrates na tentativa de responder à questão 2.

1. Sócrates, como modelo de filósofo, ocupa o lugar do mestre.

Possui caráter severo, e sua reflexão está comprometida com a existência. Como ele diz no *Fédon*, filosofar “é aprender a morrer”.

Receio, porém, que, quando uma pessoa se dedica à filosofia no sentido correto do termo, os demais ignoram que sua única ocupação consiste em preparar-se para morrer e em estar morto (PLATÃO, 1972, 64<sup>a</sup>).

A morte virá, não sabemos nem quando nem onde, mas quando chegar, o filósofo viveu a ponto de aprender a morrer. Aprender a morrer é saber lidar com o desconhecido, assim, temos uma vida inteira para aprender a morrer: para Sócrates, saber morrer é saber viver e, saber viver é, para a filosofia grega, a Sabedoria.

2. O filósofo testemunha seu conhecimento, testemunha sua vida.

Não há nada mais sábio do que buscar a sabedoria e, a ela, estão ligados o belo e o bem. “A *Kalocagatia*, que só nos gregos encontramos, é um conceito meio moral, meio estético, que consiste numa fusão da beleza e do bem” (BAYER, 1979, p. 34).

O filósofo busca o agir bem e a vida bela. Era esse o grande enigma socrático, era assim que ele tentava compreender a existência e nela deliciar-se. Mas qual é o sentido de agir bem? E o que é uma vida

bela? Se essas perguntas têm algum sentido para alguns homens, talvez estes estejam vivendo a verdadeira vocação filosófica.

Quero enfatizar, sem querer adular o leitor, pois meu compromisso é com a verdade, que *Ser Filósofo* não se trata de matricular-se em uma universidade para apreender como ser idiota cientificamente. A ciência, no seu modelo moderno, de uma razão instrumental tecnocrática seria, para Sócrates, um meio de produzir seres humanos cada vez mais imorais, preocupados em acumular capital e encher seus estômagos famintos, todavia, cérebros ocos, assim como o coração humano, que é oco e cheio de lixo.

### 3. Quanto ao conhecimento de nossa ignorância, trago Blaise Pascal para o debate:

O mundo julga bem as coisas, pois está na ignorância natural que é a verdadeira sede do homem. As ciências têm duas extremidades que se tocam: a primeira é a pura ignorância natural em que se encontram todos os homens ao nascer; a outra extremidade é aquela a que chegam as grandes almas que, tendo percorrido tudo aquilo que os homens podem saber, acham que nada sabem e se encontram naquela mesma ignorância de que partiram, mas é uma ignorância sábia que se conhece. Aqueles dentre os dois que saíram da ignorância natural e não conseguiram chegar à outra têm alguma tintura daquela ciência arrogante, e se fazem de entendidos. Esses perturbam o mundo e julgam mal a respeito de tudo (PASCAL, pp. 29-30).

Pascal, assim como Sócrates, tem consciência de que a busca pelo saber é a vocação do filósofo e, quem não exerce tal vocação se torna arrogante e mau. Dessa maneira, podemos destacar o papel da filosofia em nosso contexto: a busca de um saber-viver, ou seja, uma sabedoria que, por um questionamento infundável, uma análise do discurso e de si mesmo, uma demanda na justificação das respostas e um testemunho de vida, poderá fazer com que os homens se percebam como membros de uma mesma comunidade. Tal comunidade solicita que cada um exerça sua vocação de filósofo, assim teremos um mundo em sintonia, buscando o bem e o belo.



4. O quarto e último raciocínio é uma breve chamada de atenção para os futuros professores de filosofia: não se esqueçam de fazer o seu papel de *tremelga do mar*, ou seja, aquele peixe que, quando tocado, emite uma descarga elétrica que espanta o sujeito. Mas não se trata de um espanto qualquer, mas sim contínuo, sem fim, enquanto perdurar nossa existência. No texto *Mênon*, Sócrates foi comparado a esse peixe:

Se me permites uma brincadeira, direi que pelo teu corpo e por muitas outras características de teu ser, ficas sabendo que és muito parecido com a tremelga do mar: esta, com efeito, entorpece a quem quer que se lhe aproxime e toque e parece que me entorpeces a mim (PLATÃO, 1972, p. 80).

O contato com o filósofo deve ser um divisor de águas na vida do aluno. O filósofo não deixará nunca, em hipótese alguma, seus ouvidos na preguiça intelectual. É preciso uma tomada de posição, um discurso que justifique tal posicionamento e, conseqüentemente, uma ação diante da vida. Percebo que a tomada de posição recai tanto ao filósofo quanto ao professor de filosofia. Cabe fazer a distinção entre o Filósofo e o Professor de filosofia.

O filósofo parece ser aquele que revela autonomia epistemológica, uma espécie de desbravador do saber; já o professor de filosofia mostra-se como alguém capaz de localizar historicamente como o pensamento foi se desenvolvendo desde os primeiros filósofos, assim como a voltas e desvios de significado de um determinado conceito. Penso que quem ensina filosofia pode ensinar a filosofar.

O conceito de Professor de Filosofia não contradiz o *Ser Filósofo*. A questão *Ensinar Filosofia ou Ensinar a Filosofar* já propõe uma assimetria privilegiando um em detrimento do outro. Em Sócrates vemos que há uma sintonia entre o Ensinar Filosofia e o Ensinar a Filosofar. Vislumbro tal simetria nas palavras de Sócrates ao jovem Teeteto: “São dores de parto, meu caro Teeteto. Não estás vazio; algo em tua alma deseja vir à luz” (PLATÃO, 2001, 148e).

As questões de Sócrates não deixavam ninguém imune: eram questões que atormentavam o sujeito e, desse tormento, nascia uma grande luz, ou seja, as ideias. Todavia, o professor de filosofia pode produzir no aluno os reflexos dos filósofos e, talvez, obliterar a autonomia do ser pensante, entretanto, o filósofo, aquele que busca a verdade e concede os motivos para adesão a ela poderá, além de informar a herança intelectual dos filósofos consagrados na história da filosofia, encorajar seus alunos na busca da verdade.

## Conclusão

A primeira questão era saber o que é *Ser Filósofo*: *Ser Filósofo* é conhecer a sua própria ignorância, fazer o papel do mediador entre a Sabedoria e a Ignorância plena e, se a sabedoria é um saber-viver, o filósofo busca o saber-viver por toda vida. A segunda era saber se quem ensina filosofia, consequentemente, não ensina a filosofar: mostrei que as duas posições podem ser simétricas e não necessariamente excludentes. Depois, defini que ensinar filosofia é trabalhar a história dela, assim como a história dos conceitos, todavia, nada impede, no sentido socrático do termo, que o professor interaja com o aluno fazendo o papel de *tremelga do mar*, capaz de entorpecer o discente.

A esse trabalho chamo de filosofar: o ato de filosofar inclui saber levantar a questão para corretamente propor uma resposta clara, comunicável e que todos possam partilhar. Assim, teríamos o *Professor-Filósofo*: *é ele* quem ensina Filosofia e a Filosofar.

Enfim, penso que há diferença entre o professor de filosofia e o Filósofo, mas nada impede que os dois possam estar em um mesmo indivíduo. Portanto, cabe ao professor escolher se fará dos alunos reflexos de ideias dos filósofos, ou encorajá-los a refletir, criticar, analisar e transformar tais reflexos em reflexões, assim como fez Sócrates.

**Referências**

- ARISTÓTELES. *Metafísica*. Trad. Marcelo Perine. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- BAYER, Raymond. *História da Estética*. Lisboa: Editorial Estampa, 1979.
- HADOT, Pierre. *O que é a Filosofia Antiga?* 2. ed. São Paulo: Loyola, 2004.
- QUINTANA, Mário. Caderno H. In: *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2006.
- PLATÃO. *Fédon*. São Paulo: Nova Cultural, 1972. (Col. Os PENSADORES).
- \_\_\_\_\_. *Apologia de Sócrates*. Trad. Carlos Alberto Nunes:Pará: Coleção Amazônica, 1977.
- \_\_\_\_\_. *Mênon*. Trad. Jorge Paleikat. Rio de Janeiro: Editora Globo. (s.d)
- PLATÃO. *Teeteto*. Belém: Edufpa, 2001.
- PASCAL, Blaise. *Pensamentos*. Trad. Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- SANTO AGOSTINHO. *Confissões*. trad. J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina. São Paulo: Abril Cultural, 1984.
- SANTOS, José Trindade. Tradução, notas e comentários. In: Parmênides. *Da Natureza*, São Paulo: Edições Loyola, 2002.

*Recebido em outubro de 2008.  
Aprovado em dezembro de 2008.*